ARTIGO ORIGINAL

MEMÓRIA DE FILHOS EM CONVIVÊNCIA FAMILIAR COM PAIS ALCOOLISTAS*

MEMORY OF CHILDREN LIVING WITH ALCOHOLIC PARENTS*

MEMORIA DE NIÑOS EN FAMILIA CON PADRES ALCOHÓLICOS*

Geisa Araújo Galvão ¹, Andréa dos Santos Souza ², Vanessa Thamirys Carvalho dos Santos ³, Larissa de Oliveira Vieira ⁴, Larissa Campos Meira ⁵, Laiza Carvalho Costa ⁶, Sávio Luiz Ferreira Moreira ⁷, Edméia Campos Meira ⁸

RESUMO

Objetivo: apreender, nas lembranças de filhos em história de vida, o sentido e o significado da convivência familiar com pais alcoolistas. **Método:** trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, exploratório, com ênfase na História Oral de Vida, realizado com cinco filhos de pais alcoolistas por meio de entrevistas semiestruturadas. Analisaram-se os dados pela Análise de Conteúdo. **Resultados:** percebeu-se que o adoecimento é concomitante, dos pais em virtude do uso abusivo do álcool e dos filhos que estão em convivência com ele e vivenciaram situações de conflitos e violência. Descreveram-se, ainda, os sentimentos ambíguos desenvolvidos pelos filhos a partir da relação com o pai, como vergonha, medo, estresse, angústia, mas, na fase adulta, houve a resignificação da convivência no cuidado com o pai por meio da identificação dos sentimentos de tolerância e respeito. **Conclusão:** identificou-se que a reabilitação psicossocial dos filhos possibilitou a resignificação da relação com o pai. Aponta-se para a importância de os profissionais de saúde estabelecerem estratégias de cuidado aos alcoolistas e aos filhos, que são cuidadores e vivenciam situações de codependência e sofrimentos emocionais na relação com o familiar alcoolista.

Descritores: Relações Familiares; Codependência; Transtornos Relacionados ao Uso de Álcool; Alcoolismo; Saúde Mental; Promoção da Saúde.

ABSTRACT

Objective: to learn, in the memories of children in their life history, the meaning and significance of family life with alcoholic parents. **Method:** this is a qualitative, descriptive, exploratory study, with emphasis on Oral History of Life, carried out with five children of alcoholic parents through semi-structured interviews. The data was analyzed through Content Analysis. **Results:** it was noticed that the illness is concomitant, of the parents due to the abusive use of alcohol and of the children who are in coexistence with it and have experienced situations of conflicts and violence. The ambiguous feelings developed by the children from the relationship with the father were also described, such as shame, fear, stress, anguish, but, in the adult phase, there was the

resignification of the coexistence in the care with the father through the identification of the feelings of tolerance and respect. **Conclusion:** it was identified that the psychosocial rehabilitation of the children enabled the resignification of the relationship with the father. It was pointed out the importance of health professionals to establish strategies to care for alcoholics and their children, who are caregivers and experience situations of codependence and emotional suffering in the relationship with the alcoholic family member.

Descriptors: Family Relations; Codependency; Alcohol Use Disorders; Alcoholism; Mental Health; Health Promotion.

RESUMEN

Objetivo: apreender, en la memoria de los niños en la historia de vida, el sentido y el significado de la vida familiar con padres alcohólicos. **Método:** se trata de un estudio cualitativo, descriptivo, exploratorio, con énfasis en la Historia de Vida Oral, realizado con cinco hijos de padres alcohólicos mediante entrevistas semiestructuradas. Los datos se analizaron mediante Análisis de Contenido.

Resultados: se notó que la enfermedad es concomitante, de los padres por el uso abusivo del alcohol y de los hijos que conviven con él y vivieron situaciones de conflicto y violencia. También se describieron los sentimientos ambiguos desarrollados por los hijos a partir de la relación con el padre, como vergüenza, miedo, estrés, angustia, pero, en la edad adulta, se dio un nuevo sentido de convivencia en el cuidado del padre al identificar sentimientos de tolerancia y respeto.

Conclusión: se identificó que la rehabilitación psicosocial de los niños permitió redefinir la relación con el padre. Se señala la importancia de que los profesionales de la salud establezcan estrategias de atención para los alcohólicos y sus hijos, quienes son cuidadores y viven situaciones de codependencia y sufrimiento emocional en la relación con el familiar alcohólico.

Descriptores: Relaciones Familiares; Codependencia; Trastornos Relacionados con el Uso de Alcohol; Alcoholismo; Salud Mental; Promoción de la Salud.

^{1,2,3,6,7,8}Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB. Jequié (BA), Brasil.

¹<http://orcid.org/0000-0003-2584-1984> ²<http://orcid.org/0000-0002-8328-6918>

³<http://orcid.org/0000-0001-8269-6029> ⁴<http://orcid.org/0000-0001-9707-891X>

⁷<http://orcid.org/0000-0001-5500-8737> ⁸<http://orcid.org/0000-0001-8170-1180>

^{4,5} Serviço Público de Saúde do Município de Jequié. Jequié (BA), Brasil.

⁵<http://orcid.org/0000-0002-5230-7181> ⁶<http://orcid.org/0000-0003-4909-1604>

*Artigo extraído do Trabalho de Conclusão de Curso << Memória de filhos em convivência familiar com pais alcoolistas>>. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB, 2019.

Como citar este artigo

Galvão GA, Meira EA, Souza AS, Santos, VTC dos, Vieira LO, Meira LC, *et al.* Memória de filhos em convivência familiar com pais alcoolistas. Rev enferm UFPE on line. 2021; 15:e246038 DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2021.246038>

INTRODUÇÃO

Sabe-se que o alcoolismo é uma doença crônica e um importante tema de saúde pública no Brasil e internacionalmente pela repercussão que acarreta para o usuário, família e comunidade. Afirma-se que a permissividade do consumo de álcool, na maioria das culturas e sociedades, aliada a seu grande potencial para a dependência física e psicológica, gera um importante prejuízo para a saúde individual e coletiva.¹ Destaca-se, ainda, que há uma estigmatização social, tanto do alcoolista quanto dos familiares.²

Reflete-se que a família tem fundamental importância na formação e no desenvolvimento psicológico dos seus membros, independentemente da sua imagem, estrutura, modelo ou configuração.³ Destaca-se que as crenças, os valores e as práticas desenvolvidos pelas famílias constituem um complexo sistema, que contribuem para a sobrevivência de seus membros.⁴ Ressalta-se, também, que a interação entre os membros da família é um constante desafio, pois acontece em processos de aproximação e de conhecimento das diferenças que cada um apresenta nas suas individualidades.

Afirma-se que, no relacionamento de pais e filhos, entre as variáveis que interferem para uma boa convivência está o consumo abusivo do álcool pelo pai.⁵ Aponta-se, ainda, que o alcoolismo paterno pode contribuir negativamente para as práticas educativas dos pais, a exemplo das situações de negligência e abuso físico, além de eles não conseguirem desempenhar, de modo satisfatório, o papel de cuidadores que garantam a segurança emocional e física dos filhos.

Entende-se que, quando o alcoolista não corresponde aos cuidados da família ou não aceita as regras da convivência, ele pode provocar um desequilíbrio em toda a estrutura familiar, ocasionando uma quebra do vínculo entre seus membros, causando mudanças em suas vidas, incluindo os conflitos emocionais, violências, sentimento de medo, raiva, ansiedade e incertezas.⁶

Registra-se o crescente número de ocorrências na sociedade sobre a violência intrafamiliar, principalmente nas famílias que possuem alcoolistas. Identifica-se a violência familiar como um problema social que atinge principalmente mulheres, crianças e adolescentes, tendo vários tipos, como os maus-tratos físicos, psicológicos e sexuais.⁷ Afirma-se, ainda, que filhos de pais com transtornos relacionados ao consumo do álcool podem crescer sob estresse severo e correm maior risco de desenvolver problemas psicológicos e sociais.⁸

Destaca-se, no processo de desenvolvimento humano, que as situações vivenciadas durante os ciclos de vida têm repercussões significativas na memória das pessoas, incluindo o relacionamento de filhos com pais alcoolistas. Justifica-se esta pesquisa diante da relevância desta temática e da escassez de estudos referentes às vivências de filhos com pais alcoolistas, que se proponham a resgatar as memórias desta relação, enfatizando-se ainda a contribuição para o campo de atuação

dos profissionais de saúde por meio de estratégias de cuidado direcionadas a estes filhos no cuidado aos familiares.

Considera-se, neste trabalho, a aproximação da teoria da memória de Bérghson na busca da compreensão do tempo enquanto duração, possibilitando a coexistência entre o passado, presente e futuro no relacionamento que os filhos vivenciaram com os pais. Entende-se que a temática do tempo é fundamental para este autor como um tecido do real, considerando ser o tempo sucessão, continuidade, memória e criação que estão presentes nos acontecimentos, sejam eles físicos ou psíquicos.⁹

Define-se, neste sentido, a memória de coexistência entre o tempo passado e presente, com a relação de duração e a representação da vida anterior. Estabeleceu-se, neste estudo, a questão-problema: “Quais as lembranças dos filhos no que se refere às vivências das relações familiares em convivência com pai alcoolista, considerando o desenvolvimento humano em diversas fases da sua história de vida?”.

OBJETIVO

Apreender, nas lembranças de filhos em história de vida, o sentido e o significado da convivência familiar com pais alcoolistas.

MÉTODO

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, descritiva, exploratória, com ênfase na História Oral,¹⁰ de acordo a visão da subjetividade nas experiências socioculturais dos participantes da pesquisa, permitindo visualizar maneiras diversas de viver a história, evocando a memória de filhos em relações familiares em convivência com pais alcoolistas.

Selecionaram-se, como participantes da pesquisa, cinco filhos de pais alcoolistas, de um município no interior da Bahia, Brasil, sendo que três usuários frequentavam um CAPS AD e dois eram atendidos por uma equipe da Estratégia Saúde da Família (ESF) localizada em uma comunidade periférica. Identificaram-se os participantes da pesquisa por profissionais de saúde (enfermeiros e agentes comunitários de saúde). Seguiram-se os seguintes critérios de inclusão: filhos com relações de convivência com pais alcoolistas por mais de dois anos; maiores de 18 anos e que aceitaram participar voluntariamente na pesquisa. Elencaram-se como critérios de exclusão: que usassem apenas o álcool como substância psicoativa e se recusassem a participar da pesquisa.

Adotou-se, para a coleta de dados, uma entrevista semiestruturada seguindo as etapas conforme requer o método: pré-entrevista, entrevista e pós-entrevista.¹⁰ Guiou-se a entrevista por um roteiro com duas partes: a primeira, com as informações sociodemográficas relacionadas aos participantes, como idade, sexo, estado civil, profissão e tempo de convivência com o pai alcoolista e a segunda

parte traz questões norteadoras referentes às lembranças dos filhos sobre as vivências das relações familiares em convivência com o pai alcoolista.

Entrevistaram-se os participantes no domicílio de cada um, em sala privativa, com encontros anteriormente agendados via telefone conforme a disponibilidade deles. Realizaram-se as entrevistas no período de abril a maio de 2019 e elas tiveram a duração média de uma hora. Informa-se que foi utilizado um gravador digital mediante a autorização escrita dos participantes para o registro dos dados coletados em cada entrevista.

Organizou-se o tratamento do material e codificaram-se os dados por meio do procedimento da História Oral de Vida, onde ocorreu a passagem do conteúdo oral para o escrito. Utilizaram-se, neste processo, as seguintes etapas: a) Transcrição exata do oral para o escrito; b) Textualização, que foi a transliteração da fala do entrevistado de modo espontâneo e na primeira pessoa; c) Transcrição, que se deu pela aproximação do sentido e intenção original do diálogo do entrevistado e que permite as conveniências das dimensões subjetivas; d) Conferência e autorização, que foi o período em que o texto final da entrevista foi lido e aprovado pelo entrevistado; e) Retorno das histórias orais, momento em que os participantes aprovaram a produção final da pesquisa.¹⁰

Analisaram-se os dados qualitativos após a leitura exaustiva do material, sendo possíveis a codificação, a classificação e a obtenção de três categorias, considerando a fundamentação teórica, o problema e o objetivo do estudo.¹¹ Obtiveram-se as seguintes categorias neste estudo: 1) Infância: o encontro com o alcoolismo paterno; 2) Adolescência: vivências ambíguas entre o amor e o ódio; 3) Adulto: tentativa de resignificação da convivência com o pai alcoolista.

Submeteu-se o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, sendo aprovado com o parecer número 3.233.649. Apresentou-se, a cada participante, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), informando-os quanto aos riscos, benefícios e objetivos do estudo e, após a aprovação por eles, este foi assinado. Preservou-se o anonimato e os participantes foram identificados, por sugestão própria, por codinomes de animais.

RESULTADOS

Elencaram-se, para a realização do estudo, cinco filhos, três mulheres e dois homens, com idades entre 21 e 38 anos, e um com idade superior a 45 anos, sendo quatro participantes casados e um solteiro. Identificou-se que, dos participantes, um era estudante; um, professor; uma, servidora pública; um, advogado e uma, enfermeira, com o tempo de convívio familiar com o pai alcoolista entre dez a 38 anos.

Apresentam-se os resultados das lembranças obtidas dos relatos orais de história de vida dos participantes da pesquisa em três categorias de análise abaixo descritas.

Infância: o encontro com o alcoolismo paterno

Constatou-se, nos depoimentos dos filhos, sobre o conhecimento deles em relação ao período de início do consumo do álcool pelos pais, como ilustrado nas seguintes falas.

[...] nós fomos criados e meu pai já bebia há muito tempo. (Águia)

[...] eu já nasci no ambiente com meu pai já com essa doença. (Borboleta)

[...] acredito que eu já nasci e ele já tinha esse problema que, pela história de vida que a gente já procurou saber, ele já tem isso desde muito jovem. (Touro)

[...] meu pai, ele foi alcoolista desde que eu me entendo por gente. (Sabiá)

Observou-se, com base nos relatos, que os pais já consumiam o álcool desde o período da infância dos filhos.

Descreveram-se, também, algumas situações vivenciadas pelos filhos em decorrência do consumo abusivo do álcool dos pais. Pode-se observar isso nas falas abaixo.

[...] quando meu pai bebia, a gente odiava [...] tudo dele era xingando a gente, só era: “Passa aqui, seu corno”, “passa aqui, sua égua”, “bora, sua vagabunda”, então, era assim, às vezes, a gente passava e já era recebendo tapa. (Águia)

[...] convivi dentro de casa com ele nesse estado de todos os dias embriaguez total, muita violência, agressão física e verbal tanto com minha mãe quanto com minhas três irmãs. (Sabiá)

[...] minha mãe brigou com ele [...] e ficou muito nervosa, jogou as coisas no chão e ele, como sempre nunca agrediu, mas ele sumia, e isso eu via que a angustiava demais. (Borboleta)

[...] muitas atitudes que meu pai tomou foram baseadas também na não sobriedade dele. (Curió)

Percebeu-se, entre as falas dos filhos, que, no relacionamento com o pai alcoolista, era comum a existência de múltiplas manifestações de violência, como a física, a verbal e a psicológica, de dificuldades no relacionamento interpessoal, enfatizando-se as agressões físicas entre o casal (pai e mãe) e entre o pai e as irmãs.

Compreendeu-se, nas relações de convivência em família, que o filho vivenciou relações de maus-tratos em contexto de violência, representados por atitudes imperialistas e opressoras por parte do pai alcoolista, enquanto homem e chefe da família, e representando ainda a influência remota de uma ideologia patriarcal, que resiste nas sociedades igualitárias. Percebe-se, pelos relatos abaixo, esta figura paterna autoritária.

[...] meu pai é muito autoritário, ele não consegue ser cuidado [...]. (Borboleta)

[...] chegou ao ponto de, quando a gente estava assistindo, minha mãe falava assim com a gente: “Quando o pai de vocês chegarem, fica em silêncio” [...] o pai sempre foi o chefe da família, tido como o rei da casa [...]. (Sabiá)

Expressa-se, nas falas dos participantes, como esta violência é revelada em atitudes ora diretas, como a autoridade exercida de pai para filho, ora indiretas, sob a forma de domínio da mãe ao orientar como os filhos deveriam se comportar na presença do patriarca, nas quais ambas demonstram o poder social do chefe de família aos demais membros, sendo, portanto, este poder reconhecido como uma violência familiar.

Aponta-se, ainda na infância, que os filhos vivenciaram um ambiente conturbado de trocas de maus-tratos resultantes de um comportamento antissocial do pai alcoolista. Elencaram-se alguns sentimentos desenvolvidos pelos filhos a partir da relação conflituosa com o pai, a exemplo da vergonha e do medo.

[...] eu sentia vergonha, por muitas vezes, senti vergonha dele [...]. (Touro)

[...] mesmo quando a gente ficava quieto, sem falar nada, ele sempre arrumava um jeito de fazer com que a gente chorasse, que a gente reclamasse [...] era a maneira que ele tinha de mostrar que ele era o dono da casa. (Sabiá)

Pontua-se, ainda, no contexto da convivência com o pai alcoolista, que os filhos apontam, de modo ambíguo, as relações afetivas desenvolvidas em que, para uns, apresentam o pai alcoolista como uma pessoa presente na vida deles.

[...] sempre foi um ótimo pai, um pai que sempre vivenciou e presenciou o nosso crescimento [...] sempre foi uma pessoa muito afetiva, então, assim, eu tive um bom desenvolvimento nisso em ter um feedback dele [...] eu pensava que ele ia se recuperar e ia largar o álcool para sempre, na verdade, sempre tive essa esperança [...]. (Touro)

Por outro lado, [...] a gente não podia sentar no colo de papai, a gente não podia abraçar, ele dizia “chega para lá” [...] eu não falava para as pessoas “eu gosto de você”, “eu amo você”. Eu não falava essas coisas porque eu não ouvia, eu não aprendi a repassar [...]. (Sabiá)

Revela-se, ainda sobre as relações afetivas, que um dos filhos teve uma limitação na possibilidade de brincar em ambientes externos ao da casa.

[...] quando a gente via meu pai de longe e se a gente tivesse brincando, a gente corria para dentro de casa, porque ele não queria encontrar ninguém do lado de fora; se ele encontrasse, a gente apanhava [...] quando ele chegava, ninguém saía mais para lugar nenhum [...]. (Águia)

Identifica-se, também, que outro filho evitou a ida a eventos sociais da família, em virtude do constrangimento em vivenciar o comportamento alterado do pai em decorrência do consumo do álcool nos eventos.

[...] não existia festa de família porque, se tivesse uma festa de família, ele fazia questão de estragar [...]. (Sabiá)

Adolescência: vivências ambíguas entre o amor e o ódio

Mostra-se, a partir do depoimento de um filho, que, entre as experiências adquiridas nesta fase, estava o consumo de álcool, que foi estimulado pelo pai.

[...] nós crescemos e foi meu pai que ensinou a gente beber [...] ele sempre incentivou a gente a beber [...] a gente teve a porta aberta por ele. (Águia)

Expõe-se, a partir dos relatos abaixo, que os pais intensificaram o consumo do álcool nesta fase da vida.

[...] foi na adolescência que os problemas se intensificaram [...] eu acho que foi quando o álcool começou a fazer mais efeito na vida dele [...] foi uma fase totalmente conturbada, e o que eu mais queria na minha vida era que ele fosse embora de casa [...]. (Sabiá)

[...] era mais uma responsabilidade para a gente porque a idade da infância e adolescência, jovem, a gente tem compromisso, outros tanto, né, escola, se divertir, encontrar com amigos [...] meu pai alcoolista [...] a gente respirava o álcool dele às noites, encontrava ele deitado em várias partes da casa, no sofá, chão [...]. (Curió)

Identificaram-se a insatisfação dos filhos em conciliar as atividades diárias normais da adolescência e a convivência com o consumo abusivo de álcool do pai. Percebe-se, neste contexto, que os filhos desenvolveram diversos sentimentos no relacionamento com o pai, como amor, respeito, ódio, raiva.

[...] tinha, sim, a fase boa, quando ele não chegava bêbado [...] ele ensinava minha atividade de escola [...] conversava, brincava com a gente, saía, se divertia [...] quando meu pai bebia, a gente odiava, a gente não gostava, porque meu pai era só brigando com a gente [...]. (Águia)

[...] eu sempre tive um bom desenvolvimento com ele e não ter mais porque ele sempre foi presente comigo, ele sempre participou comigo. (Touro)

[...] tivemos sempre relacionando com momentos de conflitos e de brigas dentro de casa e com convivência também com muitos momentos de diversão e alegrias [...]. (Curió)

Destacam-se, nas falas dos participantes acima, as atitudes e pensamentos referentes à ambivalência na convivência com os pais alcoolistas. Percebe-se, ainda no contexto do relacionamento intrafamiliar, a existência da violência, principalmente relacionada à violência psicológica e constantes ameaças.

[...] ficava dentro de casa brigava e xingava minha mãe, duas ou foi três vezes que ele agrediu minha mãe, minha mãe também ia para cima dele, dava umas porradas nele; aí, pronto, a gente assistia às coisas [...]. (Águia)

[...] minha mãe, convivendo com isso, ela sempre teve conflitos com ele [...] nunca meu pai levantou a mão para ela, nunca bateu com nada, a não ser com palavras, palavras, sim [...]. (Curió)

[...] ele estava no ponto que ele pegava facão dizendo que ia matar a gente [...] esculhambava a gente na rua [...] dizia que ele me deu a vida e tirava também [...]. (Sabiá)

Acrescenta-se, ainda pelo relato de um filho, que a violência se estendeu ao meio extrafamiliar, com as pessoas que não tinham nenhum grau de parentesco.

[...] passou a ser violento verbalmente com os vizinhos, o desemprego veio junto, então, acho que foi junto com o desemprego que aconteceu isso realmente [...]. (Sabiá)

Afirma-se, neste sentido, que os grupos familiares e sociais são afetados de acordo com a evolução da doença. Destaca-se, neste contexto, que o alcoolista, em virtude da dependência do álcool e da ausência de senso crítico, pode não ter consciência dos danos que provoca aos seus familiares e à sociedade. Aponta-se que algumas das consequências ocasionadas pelo uso prejudicial do álcool são os problemas financeiros, principalmente nos grupos em que o alcoolista é quem sustenta a casa, pois muitos não conseguem mais exercer seu papel de líder, gerando sobrecarga para as esposas/mães.

[...] minha mãe [...] como mulher, foi desrespeitada em muitos momentos [...] ela não conseguia lidar com a questão do álcool, não conseguia lidar com a situação de ser mãe, ser esposa, ser profissional e ter que dar conta do dia a dia [...]. (Curió)

[...] a situação ficou muito difícil, porque mainha trabalhava sozinha para sustentar a casa [...]. (Sabiá)

Observa-se, nos relatos, que a mãe passou a assumir o papel do pai, tendo uma sobrecarga devido ao alcoolismo do esposo, gerando, assim, um acúmulo de tarefas, além da necessidade de a filha cuidar dos irmãos, como pode ser analisado no relato de um dos filhos abaixo.

[...] eu tinha medo de sair e, quando voltar, ele ter matado minha mãe porque ele falava que ia matar [...] eu, como a irmã mais velha, eu me sentia na obrigação de defender minha mãe, então, eu ficava em casa, eu não saía, eu tinha medo [...] quando ele vinha bater em mainha, eu entrava na frente, eu apanhava por causa de mainha, quando ele ia bater nela, chegou vezes para me defender de entrar em luta corporal [...]. (Sabiá)

Entende-se, em muitas famílias, há a reorganização dos papéis sociais em decorrência do alcoolismo e há a necessidade de os membros se apoiarem e estabelecerem redes de suporte, evitando, assim, o adoecimento.

Apontam-se, pelos relatos abaixo, sentimentos em comum tanto no período da infância quanto na adolescência, como a vergonha e a humilhação.

[...] bebia e caía pela rua [...] a gente, às vezes, saía com ele, tinha hora que tinha vergonha porque bebia e gritava a gente no meio de todo mundo [...]. (Águia)

[...] eu queria que meu pai estivesse presente em algumas coisas da escola, onde ele não ia e, quando ia, era alcoolizado, isso me deixava com vergonha. (Borboleta)

[...] eu sentia vergonha, por muitas vezes, senti vergonha dele [...]. (Touro)

[...] quando falavam ela é filha de fulano, era um motivo de vergonha muito grande, sabe, vergonha porque a família não era estruturada, vergonha porque ele andava caindo pelo meio da rua de bêbado [...]. (Sabiá)

Recorda-se, com os participantes da pesquisa, que houve um isolamento deles na sociedade durante a infância, porém, foi na adolescência que o isolamento social teve maior intensidade justamente por situações de constrangimento vivenciadas.

[...] quando a gente queria sair para a festa, às vezes, ele não deixava [...] às vezes, quando tinha evento às próprias irmãs dele não convidava ele porque dizia que ele ia acabar com alegria do povo, [...]. (Águia)

[...] evitava alguns lugares, tipo, se tivesse uma festa social onde eu estudava, eu ia e falava com minha mãe, se vai precisar da presença do meu pai, a gente evita ir. (Borboleta)

[...] eu via as minhas amigas sentadas na porta, as minhas amigas saíam e, até meus 18 anos, eu não soube o que foi ter adolescência porque eu nunca saí para lugar nenhum [...]. (Sabiá)

Nota-se, por meio dos relatos acima, que a família deixava de ir a muitos lugares, pois havia o sentimento de vergonha, devido às alterações no comportamento que o pai apresentava no meio social, sendo ainda exposta, na fala do participante, a exclusão social do pai alcoolista por parentes nos eventos da família.

Identifica-se, também, que a relação com o pai alcoolista pode afetar outras atitudes comportamentais dos filhos, a exemplo de um participante que abdicou da vida e dos objetivos pessoais para cuidar dele e apoiar a mãe.

[...] consegui um emprego, já estava querendo muito sair de casa e não conseguia porque eu tinha que dar apoio à minha mãe, eu não conseguia me desvincular disso [...]. (Borboleta)

[...] aceitar a condição de meu pai, não esconder a condição de meu pai era uma forma também de eu conseguir encarar esse meu problema e não ter vergonha dele [...]. (Touro)

[...] a sociedade, ela não entende a situação, então, fulana é a filha do bêbado [...]. (Sabiá)

Adulto: tentativa de ressignificação da convivência com o pai alcoolista

Ressalta-se que a fase adulta foi um período em que houve uma ressignificação da convivência familiar entre os filhos e os pais, o que pode ser observado nos relatos abaixo.

[...] hoje, ele já sente a necessidade da gente cuidar dele, independente do que a gente já passou, isso é um passado [...]. (Águia)

[...] não quero mais ter aquele tipo de convivência que eu tinha antes, hoje, eu olho ele com uma pessoa frágil e que necessita dos meus cuidados. (Borboleta)

[...] sempre tento trabalhar a parte emocional e a parte mental dele, animando ele, elevando a autoestima dele [...]. (Touro)

[...] com mais consciência de que certas coisas não mudam fácil na vida, então, só depois das casas dos 20 anos [...] que eu fui cair a ficha que é ele que tem que tomar certa atitude de querer parar [...]. (Curió)

[...] a minha vida passou a caminhar, me desenvolver a partir do momento que eu comecei a perdoar aquilo do passado [...] eu vi que era uma doença que não era porque ele queria [...]. (Sabiá)

Compreende-se, a partir dos depoimentos dos filhos, que eles propiciaram novas experiências no relacionamento com seus pais, demonstrando, assim, a ressignificação da convivência. Constataram-se, porém, a falta de afeto e a presença do isolamento social, relatadas por dois filhos.

[...] eu não consigo chegar do nada e dar um abraço na minha mãe [...] a gente não tem aquele carinho porque, desde criança, já veio com isso, já cresceu daquele jeito, cada um no seu canto. (Sabiá)

[...] até hoje, a gente tem um pouco de afastamento da família, hoje, a gente se encontra bem afastado por causa dele [...]. (Águia)

Enfatiza-se, na fase adulta, que permanece a preocupação com os pais em relação à adolescência. Destaca-se, neste contexto, que um filho afirmou se anular para cuidar do pai e da família, interferindo, inclusive, nas suas funções laborais.

[...] hoje, eu tenho um trabalho, se ele sentir alguma coisa, eu deixo tudo [...] mesmo que eu trabalho, tenha condição de fazer um passeio, geralmente, eu me anulo por causa disso, eu não quero ir porque eu sei que tenho meus filhos e tem eles [...]. (Águia)

[...] hoje, eu percebo que não posso mais desvincular, falar que meu pai está de boa [...] eu vou ficar de boa, mas não, eu sempre ando constantemente preocupada porque ele bebe, sai à noite [...]. (Borboleta)

Verificou-se que os filhos aprenderam, no decorrer de suas vidas, principalmente na fase adulta, a conviver de modo pacífico com os pais, com tolerância e respeito.

[...] eu sempre me adaptei à forma dele agir, a forma dele ser [...]. (Touro)

[...] hoje, eu estou muito feliz com a presença dele [...] então, por isso, que hoje eu sou mais tolerante e sou mais aberta para ele [...]. (Sabiá)

[...] nos dias de hoje, eu já tolero, eu convivi com meus pais durante mais ou menos 30 anos, então, eu convivi muito com eles [...]. (Borboleta)

Mostra-se, neste contexto, que alguns dos pais deixaram de consumir o álcool devido à substância ter causado consequências físicas e emocionais.

[...] quando ele parou de beber, ele parou por problema de saúde [...] quando ele adoeceu, teve o AVC e parou de beber, aí, não bebe mais [...]. (Águia)

[...] só veio parar mesmo quando chegou ao ápice do problema mesmo; aí, ele teve que parar de beber porque a família não estava mais apoiando. (Sabiá)

Revela-se, neste sentido, com os relatos abaixo, que os filhos começaram a entender o processo de convívio com o pai alcoolista na fase adulta.

[...] hoje, eu estou em processo, não vou dizer que reconheço totalmente como meu pai não, mas eu estou em processo de reconhecimento [...] hoje, depois que ele parou de beber, eu quero que ele esteja próximo, que ele faça parte da nossa família, da nossa vida [...]. (Sabiá)

[...] chegou um tempo que a gente começou a enfrentar ele [...]. (Águia)

[...] com os anos passando, eu mudei o meu pensamento, eu não acredito que ele vai ficar 100% bem, eu acredito que ele administre as dificuldades [...]. (Touro)

DISCUSSÃO

Aponta-se a infância como um período em que a criança necessita de proteção, cuidado e amor, sendo uma etapa da vida em que ela deve ter direito a brincar, estudar, sorrir e sonhar. Pondera-se, ainda, que esta é uma fase de desenvolvimento e expectativas, de preparação para a vida adulta, sendo fundamental que a criança viva em um meio afetuoso e saudável.¹²

Constatou-se, nos depoimentos dos participantes da pesquisa, que os pais já consumiam o álcool desde o período da infância deles. Ressalta-se que, ao vivenciarem o alcoolismo dos pais nesta etapa da vida, elas podem sofrer consequências que prejudicam o seu crescimento e desenvolvimento. Acrescenta-se que os participantes informaram que eram frequentes, no ambiente doméstico, os conflitos, agressões físicas entre os pais, além das violências verbal e psicológica. Afirma-se que alcoolismo e baixa escolaridade dos maridos são determinantes importantes para a violência doméstica¹³. Identificou-se, em um estudo com familiares de alcoolistas, que as situações vivenciadas pelos membros da família eram semelhantes às relatadas pelos filhos desta pesquisa, como as violências psicológicas e físicas, conflitos e agressões¹⁴.

Sabe-se que o alcoolismo é uma doença que se desenvolve de modo progressivo com repercussões nas condições de convivência. Entende-se, também, que o consumo abusivo do álcool

pode fragilizar as relações familiares, promovendo, nos membros da família, sofrimentos psicossociais.⁷ Aponta-se que as crianças podem desenvolver diversos sentimentos em relação ao agressor, como resposta à violência assistida no contexto familiar, a exemplo da raiva, ansiedade ou até medo que, apesar de serem considerados funcionais para a sobrevivência, podem desencadear processos defensivos disfuncionais e sofrimento psíquico intenso devido às repetidas situações às quais elas estão expostas. Elencaram-se alguns sentimentos desenvolvidos pelos participantes desta pesquisa a partir da relação conflituosa com o pai, como a vergonha, o medo, a exclusão social e a humilhação. Admite-se, entre as características comuns de famílias onde há a violência, a existência de pai excessivamente autoritário ou a situação do alcoolismo, sendo que as crianças submetidas à violência familiar têm maior risco de desenvolver desordens psiquiátricas, além do Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT).¹⁵

Enfatiza-se, diante do exposto, que a violência doméstica está presente em diversas famílias onde há o consumo abusivo de álcool por algum familiar, destacando-se, neste contexto, o surgimento de traumas na vida dos filhos que, ainda crianças, passam por várias situações que geram impactos em suas vidas. Salienta-se que os impactos na vida das crianças podem afetar a sua saúde não apenas no aspecto físico, mas também no psicológico, prejudicando, assim, o desempenho pessoal e social.¹⁶ Salienta-se, ainda, que o consumo abusivo do álcool pode proporcionar alterações comportamentais, a exemplo da violência, instabilidade no humor e depressão do Sistema Nervoso Central.¹⁷

Ressalta-se, neste sentido, que as dificuldades no estabelecimento de vínculos afetivos com os pais e as constantes brigas familiares proporcionam que as crianças não desenvolvam aspectos de confiança no outro, além de afetarem a autoconfiança. Pondera-se, também, que a falta de afeto ou a indiferença podem produzir sentimentos negativos que podem permanecer presentes nas crianças não apenas com as figuras parentais, mas afetando as relações com outras pessoas com as quais ele interage.¹⁸

Pontua-se, no contexto desta pesquisa, que os participantes tiveram diferentes modos de estabelecer a relação afetiva com o pai alcoolista: para “Touro”, o pai alcoolista era considerado uma pessoa presente na vida dele, que acompanhou seu crescimento; já “Sabiá” informou que não havia carinho nem amor no relacionamento com o pai. Admite-se, então, que um relacionamento harmonioso e saudável entre os pais e filhos possibilita a redução dos conflitos existentes, pois, quando não há um bom diálogo, pode existir o aumento dos conflitos, prejudicando, assim, o convívio afetivo entre ambos.⁸

Revelou-se, ainda, sobre a convivência dos familiares, que um dos participantes da pesquisa teve a restrição social imposta pelo pai, que não dava a liberdade para ele brincar em ambiente externo

à casa. Reconhece-se a brincadeira como característica primordial para a fase infantil, sendo condição necessária para o desenvolvimento saudável da criança¹², além de proporcionar a maturação psíquica e favorecer a interação social. Admite-se que esta última pode ficar prejudicada em ambientes onde ocorrem conflitos familiares, principalmente quando algum dos pais é alcoolista. Infere-se, neste sentido, que as crianças não têm a oportunidade de vivenciar as brincadeiras com os pais, que são os primeiros contatos na rede de suporte social.

Identificou-se, também, o relato de um filho sobre o não comparecimento dele em eventos sociais da família, preferindo o isolamento social, em virtude do constrangimento por vivenciar o comportamento alterado do pai em decorrência do consumo do álcool nos eventos. Acrescenta-se que este isolamento pode acontecer por livre escolha, para não presenciar os comportamentos inadequados do familiar alcoolista no ambiente social, ou quando a própria sociedade segrega o alcoolista devido às suas atitudes, o que afeta também o grupo familiar, podendo gerar o surgimento de alguns sofrimentos psíquicos, como a depressão, a raiva e a ansiedade.⁸

Revelaram-se, seguindo-se à fase da infância, algumas características das vivências dos participantes da pesquisa com o pai alcoolista durante a adolescência.

Compreende-se a adolescência como um período de transição entre a infância e a vida adulta na qual o indivíduo começa a se relacionar com o mundo, sem ter que assumir responsabilidades da vida adulta.¹⁹ Reconhece-se que, nessa fase, há um intenso processo de aprendizagem, desenvolvimento da memória e vivência de situações novas e prazerosas. Mostra-se, a partir do depoimento de um participante da pesquisa, que, entre as experiências adquiridas nesta fase, estava o consumo de álcool, que foi estimulado pelo pai. Evidencia-se que o álcool é uma droga lícita, acessível economicamente para as diversas classes sociais e que pode contribuir para o início da interação social dos jovens, sendo que, no caso acima exposto, se observa que o filho foi estimulado, ainda jovem, a consumir a bebida pelo pai.

Expõe-se, também nesta fase da vida do participante da pesquisa, que o pai intensificou o consumo do álcool. Afirma-se que a progressão da doença, com alterações de ordens comportamentais e cognitivas, é associada ao consumo abusivo do álcool, em convivência com um sentido de memória⁹ construída desde a infância em convivência familiar. Pondera-se que, mesmo com os momentos chocantes e de sofrimento vivenciados na infância e, principalmente, na fase da adolescência, o jovem tem a capacidade de se diferenciar do alcoolista para que, na vida familiar adulta, venha a tomar decisões corretas e a ter uma família estruturada.²²

Apreende-se, neste contexto de vida, que os filhos desenvolveram uma oscilação de sentimentos, positivos e negativos, em relação aos pais alcoolistas, como amor e ódio, afastamento e aproximação, liberdade e prisão, esperança e desesperança, com momentos bons e ruins, o que

caracteriza a existência da ambiguidade. Constatou-se, em um estudo realizado com familiares de usuários de álcool e outras drogas, a existência da ambivalência afetiva dos familiares com a alternância de sentimentos positivos e negativos.¹ Corrobora-se, desta forma, a ideia de que a ambiguidade é uma percepção das situações que as pessoas vivenciam por meio de duas circunstâncias: o objeto e o sensível.²⁰ Reflete-se que os adolescentes, ao vivenciarem a situação do alcoolismo na família, podem desenvolver a capacidade de se adaptar ao meio e de superar as situações adversas. Descreve-se esta capacidade como resiliência, que é considerada como um fator de proteção importante para a promoção da saúde mental e também para a prevenção do consumo abusivo de álcool e outras drogas.²²

Percebeu-se, nos relatos dos filhos, que a violência presente na infância tomou maior proporção na adolescência, e a convivência foi se fragilizando cada vez mais devido à presença da violência intrafamiliar quando o pai estava sob o efeito do consumo abusivo de álcool. Pontua-se que o abuso do álcool pode levar à prática da violência, causando traumas e potencializando os conflitos e agressões, dificultando as relações de afeto na convivência, não só no período da infância, mas ao longo de toda a adolescência. Acrescenta-se, ainda, que as violências relatadas pelos participantes da pesquisa aconteceram além do meio intrafamiliar, passando a acontecer também no meio extrafamiliar, com as pessoas que não tinham nenhum grau de parentesco.

Revelou-se, ainda neste período da adolescência, que o consumo abusivo de álcool do pai interferiu em problemas financeiros no ambiente doméstico, o que gerou sobrecarga na mãe, que necessitou assumir o papel do pai, além da necessidade de a filha cuidar dos irmãos. Entende-se que, em muitas famílias, ocorrem a proteção e o cuidado físico, emocional e social por parte dos membros do grupo familiar que convivem no mesmo lugar. Ajuda-se, por esta relação de apoio, a fortalecer a convivência e a enfrentar os desafios que os membros familiares enfrentam nesse contexto de alcoolismo.²¹

Identificou-se, também, que alguns sentimentos presentes na infância prevaleceram na adolescência, incluindo, entre eles, a vergonha e a humilhação. Somou-se a estes sentimentos a opção pelo isolamento social em decorrência das situações de constrangimento vivenciadas pelo alcoolismo do pai. Nota-se que são inúmeras as consequências que a dependência do álcool, acompanhada de distúrbios comportamentais de natureza antissocial, provoca no contexto social, principalmente com as pessoas próximas que estão em convivência com o alcoolista, a exemplo dos familiares,⁹ podendo gerar o adoecimento e a codependência²² dos filhos e outros membros da família.

Entende-se que, mediante os depoimentos, os filhos se tornaram codependentes na adolescência e passaram a viver em função de seus pais, querendo mudar o comportamento deles. Afirma-se que

a codependência é uma dependência física, social e, principalmente, emocional, que ocorre devido à vivência com pessoas que são dependentes do álcool ou de outras drogas, de modo que a família passa a se preocupar mais com a vida do outro do que com a sua própria.²²

Revelaram-se, seguindo-se à fase da adolescência, algumas características das vivências dos participantes da pesquisa com o pai alcoolista durante a fase de vida adulta. Define-se que ser adulto é assumir responsabilidades, construir ou desfazer laços afetivos e ter independência financeira, além de enfrentar diversas dificuldades, como instabilidades nas vidas profissional, financeira e familiar.¹⁹

Afirma-se que, nas relações de convivência familiar, estão presentes as diferentes formas de desenvolvimento, de adaptações, de enfrentamentos individuais e coletivos dos filhos entre os seus irmãos, pais, avós, em um encontro de memórias em construção de um tempo em aprendizagem permanente, coexistindo o tempo passado com o presente em convivência,¹⁰ permeando trocas significativas na utopia de uma relação familiar com melhores condições de trocas afetivas de cuidado.

Compreendeu-se, a partir dos depoimentos dos participantes da pesquisa, que eles propiciaram novas experiências no relacionamento com seus pais na fase adulta, destacando-se, assim, a resignificação da convivência, a exemplo dos sentimentos de cuidado e perdão. Pondera-se que, mesmo com essa resignificação, que favoreceu a melhoria dos relacionamentos familiares, ainda existiram, na fase adulta, a ausência de afeto e a presença do isolamento social relatadas por dois participantes.

Ressaltou-se, a partir dos relatos dos participantes, a existência da codependência deles em relação ao pai alcoolista, também na idade adulta, destacando-se a ligação emocional, física e social, em que os filhos colocaram as necessidades dos seus pais acima das suas.³ Refere-se que um dos participantes afirmou se anular para ficar com o pai, abdicando das atividades de lazer e também das funções laborais. Acrescenta-se, ainda, que os familiares codependentes podem se considerar responsáveis por seu familiar que faz consumo abusivo do álcool e também pelos fracassos que acontecem na vida de seu ente.³ Aponta-se, neste sentido, que esta condição de total doação para o cuidado com o outro pode interferir na autoestima do codependente e na capacidade de estabelecer relações interpessoais saudáveis, sendo importante que este familiar receba cuidados a fim de evitar adoecimento da saúde física e psíquica.

Admite-se, com os relatos dos participantes, que eles passaram a conhecer e a se aproximar de seus pais, demonstrando sentimentos de afeto, tolerância e respeito. Podem-se estes sentimentos, por sua vez, promover o apoio necessário para o retorno do usuário ao círculo familiar e social.⁴ Destaca-se, ainda, nesta etapa da vida, que os pais dos participantes deixaram de consumir o álcool

devido à substância ter causado consequências físicas e emocionais, além de terem enfrentado o sentimento de solidão devido ao abandono da família e também pelas complicações de saúde. Afirmar-se, nesta conjuntura, que a família tem papel fundamental no processo terapêutico do alcoolista, sendo, muitas vezes, motivação para que ele possa alcançar a reabilitação psicossocial.

Constata-se que a reabilitação psicossocial pode ser considerada também um processo de restituição do poder contratual do alcoolista, visando a ampliar sua autonomia.²³ Reconhece-se, então, para que o alcoolista possa se reabilitar, que é importante que ele consiga restabelecer as relações com sua rede social (que inclui a família), exercendo a contratualidade no contexto familiar. Identificou-se, nesta pesquisa, que a aproximação e o apoio dos participantes com o pai alcoolista favoreceram a reabilitação psicossocial de ambos.

Revela-se, ainda, que os filhos começaram a entender o processo de convívio com o pai alcoolista na fase adulta. Evidencia-se, nos relatos, que os filhos adultos se encontram em fase da reabilitação psicossocial na qual se tornaram fortes para conviver com seus pais. Define-se a reabilitação como um conjunto de fatores que ajuda os usuários e suas famílias a exercerem seus direitos na sociedade, quebrando todos os preconceitos, levando em consideração suas necessidades. Ressalta-se, assim, que ela proporciona, às pessoas, se tornarem resistentes para superar os obstáculos que impedem a convivência com pessoas que consomem o álcool de modo abusivo.²⁴

CONCLUSÃO

Apontou-se, com o estudo, que muitos transtornos mentais e de personalidade são reflexos de uma dificuldade no estabelecimento de vínculos afetivos durante a infância, sendo que esses se tornam mais frágeis ou até mesmo rompidos caso tenham problemas de alcoolismo na família. Percebeu-se, nos depoimentos dos filhos, relatados na primeira categoria, que abordou sobre a convivência com o pai alcoolista na infância, que eles vivenciaram situações de conflitos e violência, resultantes do uso abusivo do álcool, afetando a qualidade de vida, na qual se geraram sentimentos negativos, como humilhação, vergonha e medo, além do isolamento social devido à situação imposta pelo pai, que se estendeu, de acordo com os relatos, à adolescência e idade adulta, configurando-se, então, como uma situação que afetou a interação interpessoal.

Identificou-se, na segunda categoria, que os entrevistados relataram que a adolescência foi um período em que houve um aumento no consumo abusivo do álcool por seus pais, no qual as práticas de violências e conflitos aumentaram. Compreendeu-se que a codependência dos filhos por seus pais se iniciou na adolescência, e sentimentos ambíguos surgiram neste período, além da

prevalência da vergonha e humilhação, causando fragilidade da convivência familiar, deixando esses filhos estressados e angustiados.

Salientou-se, na terceira categoria, por meio dos relatos dos participantes, que houve uma ressignificação da convivência, ou seja, houve mudanças positivas na convivência das relações familiares que nas outras fases não existiam. Destacou-se que os filhos passaram a se aproximar mais dos pais e a entender o processo da doença, porém, sem minimizar, de suas vidas, as marcas negativas deixadas pelo alcoolismo, como o isolamento social, a ausência de afeto e a codependência. Pontua-se, no entanto, que, mesmo diante das dificuldades, os filhos conseguiram alcançar a reabilitação psicossocial, convivendo, tolerando e respeitando seus pais por meio de virtudes.

Faz-se importante que as famílias tenham uma rede social de apoio ou esteja inserida em serviços da rede de atenção à saúde ou intersetorial, a fim de promover a saúde mental, prevenir o surgimento e o comprometimento de transtornos psíquicos, além de compartilhar as situações vivenciadas com colegas que têm histórias semelhantes. Enfatiza-se, dessa forma, que os familiares podem ressignificar os aspectos que provocam sofrimento a partir da formação de vínculos e do fortalecimento de redes de suporte social. Aponta-se, nesse sentido, pelo estudo, a necessidade de ouvir outros membros familiares, sendo fundamental que os profissionais de saúde direcionem suas práticas de cuidado às famílias dos alcoolistas, ajudando-as a ressignificar o sofrimento da vivência do alcoolismo.

CONTRIBUIÇÕES

Informa-se que todos os autores contribuíram igualmente na concepção do projeto de pesquisa, coleta, análise e discussão dos dados, bem como na redação e revisão crítica do conteúdo, com contribuição intelectual e na aprovação da versão final do estudo.

CONFLITO DE INTERESSES

Nada a declarar.

REFERÊNCIAS

1. Munhoz TN, Santos IS, Nunes BP, Mola CL, Silva ICM, Matijasevich A. Trends in alcohol abuse in Brazilian state capitals from 2006 to 2013: an analysis of data from the VIGITEL survey. Cad Saúde Pública. 2017 Aug; 33(7):e00104516. DOI: 10.1590/0102-311X00104516
2. Haverfield MC, Theiss JA. Parent's alcoholism severity and family topic avoidance about alcohol as predictors of perceived stigma among adult children of alcoholics: implications for emotional and psychological resilience. Health Commun. 2016; 31(5):606-16. DOI: 10.1080/10410236.2014.981665

3. Melo CF, Cavalcante IS. Codependency in Relatives of Alcohol Addicts. J Res Fundam Care Online. 2019 Jan; 11(Spe):304-10. DOI: 10.9789/2175-5361.2019.v11i2.304-310
4. Pandini A, D'artibale EF, Paiano M, Marcon SS. Social support network and family: living with a family member who is a drug user. Ciênc Cuid Saúde. 2016 Oct/Dec; 15(4):716-22. DOI: [10.4025/ciencucidsaude.v15i4.34602](https://doi.org/10.4025/ciencucidsaude.v15i4.34602)
5. Batista AP. Paternal alcoholism and educational practices. PsicoFAE [Internet]. 2015 [cited 2020 May 28]; 4(1):49-60. Available from: <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/56>
6. Santos JE, Muniz MS, Alves RR, Bernardinho AV. Family insertion in an alcoholic's recovery. Rev Fluminense Ext Univers [Internet]. 2016 Jan/ Dec [cited 2020 June 05]; 06 (1/2):41-4. Available from: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RFEU/article/view/631>
7. Carpanez TG, Lourenço LM, Bhona FM. Intimate partner violence and alcohol use: a qualitative study with women in the city of Juiz de Fora-MG. Pesqui Prát Psicossociais [Internet]. 2019 Apr/June [cited 2020 June 05] 14(2):01-18. Available from: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v14n2/12.pdf>
8. Wlodarczyk O, Schwarze M, Rumpf HJ, Metzner F, Pawils S. Protective mental health factors in children of parents with alcohol and drug use disorders: a systematic review. PLoS One. 2017 June; 12(6):e0179140. DOI: 10.1371/journal.pone.0179140
9. Bergson H. Matéria e Memória. 2nd ed. São Paulo: Martins Fontes; 1999.
10. Meihy JSB, Holanda F. História oral: como fazer e como pensar. São Paulo: Contexto; 2007.
11. Bardin L. Análise de conteúdo. 6th ed. Lisboa: Edições 70; 2011.
12. Ministério da Saúde (BR). Saúde da Criança: o que é, cuidados, políticas, vacinação, aleitamento [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2019 [cited 2020 May 28]. Available from: <https://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/crianca>
13. Nadda A, Malik JS, Bhardwaj AA, Khan ZA, Arora V, Gupta S, et al. Reciprocate and nonreciprocate spousal violence: a cross-sectional study in Haryana, India. J Family Med Prim Care. 2019 Jan; 8(1):120-4. DOI: 10.4103/jfmpc.jfmpc_273_18
14. Takahara AH, Furino V, Marques AC, Zerbetto S, Furino F. Family relationships, alcohol and other drugs: integrative review. Rev APS. 2017 July/Sept; 20(3):434-43. DOI: 10.34019/1809-8363.2017.v20.15999
15. Souza CM, Vizzotto MM, Gomes MB. Relationship between family violence and post-traumatic stress disorder. Psic Saúde & Doenças. 2018 Aug; 19(2): 222-33. DOI: 10.15309/18psd190205
16. Martins AG, Nascimento ARA. Domestic violence, alcohol and other associated factors: a bibliometric analysis. Arq Bras Psicol [Internet]. 2017 [cited 2020 May 28]; 69(1):107-21. Available

from: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672017000100009&lng=pt

17. Muniz KRA, Xavier AR, Santana JR. Abusive use of alcohol and transgenerational heritages in the family scope. *Interd Sci J* [Internet]. 2019 July/Sept [cited 2020 May 28]; 6(3):140-58. Available from:

<http://revista.srvroot.com/linkscienceplace/index.php/linkscienceplace/article/view/725/429>

18. Justino YAC, Nascimento CRR. Father and adolescent children relationship in families that experienced domestic violence between parents. *Rev SPAGESP* [Internet]. 2020 Jan/June [cited 2020 May 28]; 21(1):92-109. Available from:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702020000100008

19. Leme VBR, Fernandes LM, Jovarini NV, Falcão AO, Moraes GA. Youth perceptions about the transition to adulthood and family relations. Minas Gerais, *Rev Interist Psicol* [Internet]. 2016 Dec [cited 2020 May 28]; 9(2):182-94. Available from:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202016000200003&lng=pt.

20. Sena ELS, Santos VTC, Subrinho LQ, Carvalho PAL. Family perception of adolescents about care in the drug consumption context. *Rev Eletrônica Enferm*. 2018 Oct; 20:v20a20. DOI: [10.5216/ree.v20.48274](https://doi.org/10.5216/ree.v20.48274)

21. Zerbetto SR, Galera SAF, Ruiz BO. Family resilience and chemical dependency: perception of mental health professionals. *Rev Bras Enferm*. 2017 Nov/Dec; 70(6):1184-90. DOI: 10.1590/0034-7167-2016-0476

22. Oliveira EB, Santos MB, Guerra OA. Work as a strategy of psychosocial reinsertion of the dependent chemist from the perspective of the family. *Rev Port Enferm Saúde Mental*. 2019 June; (21): 23. DOI: [10.19131/rpesm.0234](https://doi.org/10.19131/rpesm.0234)

23. Carvalho PAL, Moura MS, Carvalho VT, Reis MCS, Lima CBO, Sena ELS. The family in the psychosocial rehabilitation of people with mental suffering. *J Nurs UFPE online*. 2016 May; 10(5):1701-8. DOI: 10.5205/reuol.9003-78704-1-SM.1005201616

Correspondência

Geisa Araújo Galvão.

E-mail: geisa_galvao13@hotmail.com

Submissão: 03/06/2020

Aceito: 21/12/2020

Copyright© 2021 Revista de Enfermagem UFPE on line/REUOL.

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a Atribuição CC BY 4.0 [Creative Commons Attribution-ShareAlike 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), a qual permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. É recomendada para maximizar a disseminação e uso dos materiais licenciados.